

CORTEZ, R. 2024. Carta 7. Estruturalismo. Linguisticamente Falando.

Caro professor Jorge Serrano,

Já faz algum tempo que não nos vemos, mas tenho fé que vai lembrar-se de mim. Sou Rebeka Fernandes Cortez e por três anos seguidos fui sua aluna de Língua Portuguesa no Colégio Exato durante os anos de 2017 a 2019. Ana Laura de Sampaio me contou no ano passado, quando ela estava no terceiro ano do ensino médio, que você mencionou meu nome na sala de aula como um exemplo de aluna que seguiu sua (suposta) vocação e conseguiu entrar para o curso de Letras-Português numa universidade federal. Você sempre fazia a mesma coisa conosco, a classe do terceiro ano de 2019, relatando sobre pessoas que não conhecíamos, mas em que poderíamos nos inspirar. Diante da notícia, fiquei lisonjeada! Sou tão inconspícua que me imaginar assumindo essa posição de ser abstrato inspiracional é estranho para mim.

Para o caso da sua memória falhar: lembre-se da menina com cabelos escuros mal domados, óculos e jaqueta jeans. Empolgada demais para responder perguntas de Gramática — ah, suas aulas de Gramática! Assim como o professor do poema de Drummond, o senhor ia “desmatando o Amazonas de minha ignorância”. Nunca faria o ensino médio de novo, porém o que eu não daria para viver mais uma aula daquelas? Todos e todas, meus amigos e amigas, nos juntávamos num amontoado de carteiras que fazia quase um ninho para compartilharmos livros e responder as questões em voz alta. Melhor: *decifrar* as questões. Pedro Lucas e eu ora competindo, ora ajudando um ao outro.

Ainda mais do que Gramática e Análise de Textos, o senhor sempre nos trouxe reflexões acerca da vida, da escola e da sociedade. Você foi muito duro conosco, mas também foi a pessoa que nos impulsionou, encorajou e acreditou em nós. Muito obrigada!

Sentimentalistas à parte, estou escrevendo para o senhor agora porque esta carta também se trata de um trabalho da minha disciplina de Fundamentos de Linguística. Por isso, a partir de dois textos como referência, contarei sobre a corrente linguística estruturalista e minhas opiniões acerca das partes que destaquei. São estes, em primeiro, “Manual de Linguística”, organizado por Mário Eduardo Martelotta e publicado em 2008; “Curso de Linguística Geral”, obra póstuma de Ferdinand de Saussure, publicada em 1916, constituída da compilação e edição das anotações feitas pelos alunos Charles Bally e Albert Sechehaye.

No capítulo “Estruturalismo”, de “Manual da Linguística”, explica-se o pensamento

estruturalista na linguística, conforme as ideias de Ferdinand Saussure, a partir de seus conceitos e objetivos básicos, como qual papel o linguista deve assumir e de que forma essa corrente pensa a língua para construir fundamentos teóricos. A obra também elucida sobre as dicotomias saussureanas e o estruturalismo pensado pelos norte-americanos, o qual teve influência da psicologia behaviorista. Embora eu esteja iniciando meus estudos sobre teorias linguísticas, já recomendo esse livro para o senhor por causa da incrível capacidade de síntese dos autores e autoras, além da linguagem acessível tornar a leitura fluída e mais agradável.

“Curso de Linguística Geral”, por sua vez, segue uma linha semelhante, posto que esse é o livro considerado a “certidão de nascimento” da corrente linguística estruturalista. No primeiro dos três capítulos lidos por mim, introduz-se uma perspectiva histórica da progressão de uma ciência a qual se ocupa com a linguagem, até haver solução de qual é o seu verdadeiro e único objeto de estudo. Em seguida, no capítulo dois, aponta-se e delimita-se as tarefas da linguística: descrição e registro da história de todas as línguas que puder abranger e reconstituição de línguas-mães de cada família; dedução das leis linguísticas gerais; delimitar e definir a própria linguística.

Por conseguinte, o capítulo três discorre sobre qual deve ser o objeto integral e concreto da linguística, embora admita a dificuldade de delimitar isso, dada a pluralidade de faces da linguagem. A solução encontrada por Saussure será eleger a língua como a norma e objeto de estudo prioritário. Ademais, também apresenta conceitos fundamentais: signo — significante/significado; língua e fala; estudos diacrônicos e sincrônicos.

Para começar nossa discussão sobre o estruturalismo, partindo do primeiro texto, pensaremos, inicialmente, na ideia de sistema. Imaginemos nosso sistema cardiovascular: todos os componentes (coração, artérias e veias) desempenham funções específicas num dado processo, nenhum podendo substituir o outro em alguma etapa, ao passo que seguem princípios bioquímicos e físicos a fim de haver o funcionamento. Esse é um exemplo da ideia de sistema. De forma semelhante, o estruturalismo vai adotar uma concepção de língua enquanto um sistema, este o qual possui uma estrutura a ser analisada pelos linguistas. A citação seguinte sumariza bem o cerne do estruturalismo:

O estruturalismo, portanto, compreende que a língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema. (Martelotta, 2011, p. 114).

Essa concepção de língua revela-se interessantíssima para trazer reflexões em sala de aula. Como usar a linguagem diariamente para nós é tão natural quanto andar e respirar, podemos esquecer da alta complexidade por trás de nossos discursos corriqueiros. Ou, ainda, propor enxergar isso sem ser através da ótica escolar punitiva em que devemos classificar morfemas a fim de obter uma nota, sem reflexão do porquê fazemos isso. Particularmente, concordo que a língua seja um sistema complexo composto por unidades inter-relacionadas as quais seguem determinadas regras. Contudo, o problema de uma visão estritamente estruturalista é a pobreza do estudo do significado. Questões extremamente históricas estão envolvidas no modo como o estruturalismo trata esse aspecto, como a influência positivista da época em que ele se desenvolveu, logo havendo busca por racionalidade e objetividade.

Analisar estruturalmente uma frase é importante, porém esse estudo empírico foge da realidade no momento em que não vai muito além disso. Alguém só diz uma frase como “Limpe as mesas” a fim de significar alguma coisa a ser compreendida por outra pessoa. A realidade da língua é que ela não existe no vazio.¹ Pretendo expor mais esses pensamentos adiante na carta. Por enquanto, vamos seguir.

E sobre nós, usuários da língua? Na infância, aprendemos nossa língua materna e, com isso, as normas que regem as unidades dela, por meio do convívio com outros usuários. Dessa forma, assimilamos a gramática duma dada língua, isto é, as unidades dela e as possibilidades que elas ofertam ou não. Vivemos em um país cujos falantes possuem baixa autoestima linguística e, assim como o senhor, sou partidária de sempre lembrar que não existe língua sem gramática ou gramática sem língua. Só conseguimos nos comunicar uns com os outros porque essas regras, as quais conhecemos e delas temos ótimo domínio, organizam parte da coerência linguística, que andarás junto da coerência extralinguística. Martelotta (2015) pontua bem esse detalhe do estruturalismo:

Não se trata, obviamente, do conhecimento acerca das regras normativas que encontramos nos livros de gramática. Não estamos falando de regras estabelecidas por um grupo de estudiosos em um determinado momento da história. Se assim fosse, aqueles que desconhecassem tais regras não se comunicariam.” (Martelotta,

¹ Nota dos editores: Gostaríamos de externar a relevância do Estruturalismo para os estudos linguísticos. Tendo em vista a época em que foi pensado, ancorando a Linguística como ciência, é fundamental reconhecer sua inovação no contexto histórico do início do século XX. Neste período, iniciar reflexões e apontamentos que colocassem os estudos linguísticos em evidência era de fundamental importância, para que hoje, após outros estudos científicos, possamos analisar esse objeto de estudo tão rico que é a língua por diversas óticas, como as discursivas, semióticas, entre outras.

2011, p. 115).

Para fechar essa parte inicial a ver com o primeiro texto, falemos do princípio de *imanentismo linguístico*, advindo da concepção de língua adotada pelos estruturalistas. Como o pensamento estruturalista se preocupa principalmente com investigar a parte mais interna e objetiva da língua para descrevê-la, as relações extralinguísticas são praticamente abandonadas. Há reconhecimento da existência delas, mas não importam para a direção dos estudos do linguista estruturalista. Esse princípio, portanto, busca estudar a língua em si mesma e por si mesma. A transcrição seguinte especifica as implicações dessa compreensão.

Nessa perspectiva, ficam excluídas as relações entre língua e sociedade, língua e cultura, língua e distribuição geográfica, língua e literatura ou qualquer outra relação que não seja absolutamente relacionada com a organização interna dos elementos que constituem o sistema linguístico. (Martelotta, 2011, p. 115).

Desse modo, novamente a perspectiva, por priorizar o caráter objetivo, encontra-se em um lugar irrealista em relação à natureza da linguagem. A língua estudada não pode ser única e exclusivamente a variação mais próxima da norma padrão, afinal a língua mora nos falantes, os quais a moldam para que ela sirva aos seus propósitos. Excluir essas relações de uma investigação linguística não apenas se revela um tipo de elitismo, como também uma perda de informações preciosas sobre as diversas formas que a língua pode assumir.

Dito isso, o texto o qual nos auxiliará a dar continuidade a nossa discussão será, claro, o segundo. Embora a leitura não seja tão fluida em relação ao primeiro, ainda recomendo “Curso de Linguística Geral” ao senhor, pois contém grande carga histórica para a linguística moderna e contribuições importantes para a ciência da linguagem de modo geral. Também afirmo de antemão que estou ciente de que somos todos frutos de nosso tempo e que as conclusões alcançadas por Saussure refletem isso.

Como previamente mencionado, Saussure posicionou-se para definir um objeto e método científico para a Linguística. Em vista da manifestação da linguagem possuir tantos aspectos complexos inter-relacionados, o linguista observou que caso o foco definitivo fosse apenas um, haveria risco do resultado ser superficial e incompleto; do contrário, considerando todos, o objeto dessa ciência seria então pouco definido e confuso. Por conseguinte, a resposta encontrada foi coroar a língua como primeiro lugar nos estudos da linguagem.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para transmitir o exercício dessa faculdade nos

indivíduos. (Saussure, 2006, p. 17).

A outra face da linguagem, em relação de simbiose com a língua, será a fala. Esses dois elementos vindos de uma mesma matéria (a linguagem) compõem uma das dicotomias saussurianas. Curiosamente, Saussure nunca nomeou as relações duais estabelecidas na teoria dele como dicotomias, mas ficaram conhecidas dessa forma pela influência dos estudos dele e pela dualidade apresentada.

A que resolvi destacar para comentários é justamente a de língua e fala. O que chamamos de corte saussuriano representa essa divisão feita e a prioridade dada para a primeira citada. Algumas das razões para tal também são históricas: no início do século XX, não era tão fácil coletar dados linguísticos verbalizados oralmente, quanto na atualidade por questões de limitação tecnológica, logo dificultando o processo de investigação científica.

Um outro motivo para isso é porque a perspectiva saussuriana enxerga a língua como estrutura, não substância. Pode-se materializar uma língua de diferentes modos — por meio do som, de mover os lábios para obter uma impressão visual, dos gestos etc. Ou seja, a verbalização oral não constitui a essência da língua. A visão formal, isto é, a da língua enquanto forma, será a que prevalecerá.

Quais características esses dois elementos terão na perspectiva de Saussure? Nesses dois lados da mesma moeda, a língua representa o lado social e a fala o individual. Na última citação, o linguista aponta essa característica da língua, encarando-a como um fato social, está acima de nós enquanto indivíduos, portanto, não se pode alterá-la individualmente. Faço uma ponte com isso e o pensamento do sociólogo Émile Durkheim, para relembrar algumas características do fato social: sempre será exterior a nós, envolve toda a coletividade e é coercitivo. Assim, a língua se encaixa em todas essas qualidades.

Ademais, ainda dentro dessa ótica, ela se constitui desse tesouro, esse sistema de regras depositado virtualmente nos cérebros de todos os falantes de uma dada língua, logo, contribuindo para uma visão homogênea dela — ou seja, a de que todos nós vivemos a nossa língua da mesma forma.

A fala, por outro lado, representa meramente o uso individual desse sistema numa prática concreta. Será uma escolha consciente de vontade de um dado indivíduo organizar as unidades do sistema de uma tal forma. Exponho também uma citação para esclarecer a perspectiva saussuriana sobre a fala e discutir sobre isso: “Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1, o que é social do que é individual; 2, o que é essencial do que é

acessório e mais ou menos acidental.” (Saussure, 2006, p. 22).

Para ser sincera, acredito que a fala é uma das coisas menos individuais que temos. A língua, além de assemelhar-se a um tabuleiro de xadrez, por seu caráter sistemático, conforme a metáfora de Saussure, também parece-me como um por ser um lugar tanto de regras quanto de conflitos. Quando falamos, estamos sempre condicionados a reproduzir ideias alheias — é difícil ser original hoje em dia — e nos comportar duma dada forma, dependendo de com quem falamos. Não posso conversar com uma diretora de colégio do mesmo jeito que com um amigo próximo meu. Frequentemente nos vemos obrigados a responder na hora correta e organizar nosso discurso de maneira adequada à situação — como seríamos senhores de nossa fala desse jeito? Por isso, a fala é extremamente social.

Destaco, inclusive, que apesar da primazia dada à língua nos estudos, os estruturalistas reconhecem a importância da fala: a língua existe para ser materializada, e a materialização só existe porque há uma língua. Em nenhum momento nega-se a relação íntima entre esses dois elementos. Aliás, enquanto escrevo, só penso que gostaria muito de poder conversar sobre tudo isso com o senhor tomando um café. Estou interessada em saber suas opiniões, sinto falta de ouvi-las!

Antes de encerrar a carta, irei sumarizar mais uma dicotomia, a fim de manter a coerência, já que como relatei antes, os conceitos são fundamentais. Falemos sobre o signo inicialmente, que é constituído por significado e significante. O primeiro diz sobre o sentido de uma palavra, ou seja, aquilo que a palavra irá nos remeter. O significante, por sua vez, tem uma explicação mais complexa e também será conhecido como imagem acústica.

Quando Saussure explica imagem acústica como “a impressão psíquica do som”, ele se refere à palavra que aparece em nossa mente ao ouvir uma sequência fonética como “vaca”. Essa sequência fonética causa uma impressão, uma imagem na mente destituída de som material: v-a-c-a. Daí fazemos a relação dessa imagem acústica com o significado de um mamífero quadrúpede terrestre, que pasta e costuma ter manchas.

Tive facilidade em abstrair essa última dicotomia porque o senhor nos explicou um dia sobre esses conceitos em sala de aula. Não fazia parte do cronograma nem do livro didático, mas contou mesmo assim. Lembro-me claramente do fascínio que senti, como se algo profundamente oculto tivesse sido revelado a mim...

Concluimos aqui nossa curta viagem teórica. O que podemos tirar disso é a importância histórica e teórica do estruturalismo, e também de Saussure, ao expor um método

investigativo e demarcar o objeto de estudo, assim como as tarefas do linguista, por conseguinte dando um lugar próprio para a linguística enquanto uma ciência.

Enfim, agradeço imensamente se você tiver lido a carta até aqui. Espero poder ter sido clara o suficiente em minhas explicações e opiniões, ter incitado alguma reflexão ou meramente ter te dado orgulho em algum grau. Também espero poder te escrever novamente em breve! Muito obrigada por tudo.

Saúde a todos nós!

Rebeka Fernandes Cortez
João Pessoa, 07 de outubro de 2021

Referências:

COSTA, Marco Antônio. **Estruturalismo**. IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de Linguística. 2a edição. São Paulo: Contexto, 2011. p. 113-126.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27a edição. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 7-25; p. 79-84.